



Data: 05.08.2019

Titulo: Será que é possível atingir a meritocracia?

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3

A ciência da...
Será que
é possível
fazer vingar
a meritocracia?

P2 Verão

Área: 1377cm² / 48%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6556545



Data: 05.08.2019

Titulo: Será que é possível atingir a meritocracia?

Pub:

P

P2

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



A ciência da...
Será que
é possível atingir
a meritocracia?
P2/3

Área: 1377cm² / 48%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6556545



Data: 05.08.2019

Titulo: Será que é possível atingir a meritocracia?

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



Os Comedores de Batata (1885), de Vincent van Gogh

A ciência da... meritocracia

É possível a meritocracia?

Políticos, comentadores e empresários associam com frequência o sucesso individual ao trabalho árduo e às qualidades pessoais. Mas a meritocracia recompensa mais vezes pessoas medianas com sorte e reproduz as velhas desigualdades sociais

Área: 1377cm² / 48%

Titragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6556545

Por David Marçal

Meritocracia significa literalmente “poder do mérito”. A palavra tornou-se popular a partir de 1958 com a publicação do livro *The Rise of the Meritocracy (A Ascensão da Meritocracia)* do sociólogo britânico Michael Young, que curiosamente a usava num sentido pejorativo (criticava uma nova estratificação social que num futuro distópico substituiria as tradicionais classes sociais). Mas no final do século XX a meritocracia assume uma conotação positiva, como um efectivo contraponto à aristocracia. Baseia-se na ideia de que o sucesso individual se deve principalmente às qualidades pessoais e ao trabalho. E para a sociedade, recompensar concretizações individuais deve garantir que aqueles que atingem posições de grande responsabilidade são efectivamente os melhores.

Mas as qualidades pessoais seguem geralmente uma distribuição normal (também chamada gaussiana), em forma de sino, com todos os valores dentro da mesma ordem de grandeza. O quociente de inteligência (QI) médio é de 100, mas ninguém tem um QI de 1000 ou de 10.000. O mesmo acontece com as horas de trabalho, há quem trabalhe 40 ou 50 por semana, mas é impossível alguém trabalhar 10 vezes mais. No entanto, a distribuição de riqueza – como medida de sucesso – é muito diferente. Há uma avassaladora montanha de pobres e um número muitíssimo pequeno de pessoas extraordinariamente ricas. Ao contrário da inteligência e das horas de trabalho, é possível algumas pessoas serem milhões de vezes mais ricas do que outras.

De acordo com um relatório de 2018 da Oxfam Internacional, 42 pessoas no mundo têm tanta riqueza como a metade mais pobre da população mundial. Tendo em conta as extraordinárias diferenças, é evidente que o sucesso individual não é uma consequência directa das qualidades e esforço pessoais. Na

realidade, cerca de metade da variação de rendimentos no mundo explica-se apenas pelo país de residência e pela distribuição de rendimentos dentro desse país. E o país de residência é um factor sobre o qual os mais pobres têm pouco ou nenhum controlo.

Sorte vs. talento

De acordo com uma investigação de 2013 realizada na Alemanha, as pessoas com apelidos mais sonantes (como Kaiser, que significa imperador) têm com mais frequência cargos de liderança do que as que têm apelidos modestos (como Koch, que significa cozinheiro). Há muitos outros exemplos documentados. A questão não é se a sorte tem um papel, mas quão determinante ele é.

Três investigadores italianos (dois físicos teóricos e um economista) publicaram em 2018 os resultados de uma simulação computacional em que tentaram avaliar o papel da sorte e do talento (entendido como um agregado da inteligência, determinação, esforço, etc.) no sucesso individual (definido apenas como a riqueza de cada um). Assumiram que a maior parte dos indivíduos tinha valores intermédios de talento, havendo um pequeno número com valores muito elevados ou muito baixos. Começaram todos com o mesmo nível de riqueza.

Ao longo da simulação, um conjunto de acontecimentos ao acaso poderia aumentar ou diminuir a riqueza de cada um. As pessoas com mais talento tiravam mais partido da sorte. No final 20% das pessoas concentravam 80% da riqueza. E os mais ricos não eram os mais talentosos, mas indivíduos com um talento mediano favorecidos pela sorte. Do ponto de vista individual, ter mais talento é sempre uma vantagem. Mas como o número de pessoas com talento mediano é bastante maior, é muito mais provável que algumas dessas pessoas sejam bafejadas pela sorte e não a minoria altamente talentosa. A simulação não prova que a distribuição de riqueza no mundo real se deve quase exclusivamente à sorte. Apenas que é plausível gerar esse tipo de desigualdade económica só com base na sorte. Os autores questionam o paradigma meritocrático, que consiste em concentrar as

recompensas numa minoria de sucesso, assumindo que este sucesso tem como base o talento.

O Conselho Europeu de Investigação (ERC) atribuiu recentemente um financiamento de 1,7 milhões de euros para estudar o papel da sorte na ciência. As conclusões desse trabalho poderão contribuir para ajudar a definir políticas de financiamento. É mais produtivo atribuir grandes financiamentos a um pequeno número de grupos de investigação (de acordo com a ideia da “excelência”) ou pequenos financiamentos a um grande número de grupos? Trabalhos anteriores sugerem que a concentração de financiamento tem fracos resultados e que a estratégia de diversificação produz um maior impacto científico por euro investido. A ciência é um exemplo que pode ilustrar o problema de concentrar as recompensas numa pequena elite: desperdiçar o contributo de muitas pessoas com potencial não reconhecido e que o poderiam demonstrar se tivessem oportunidade.

Pontos de partida

O economista Gregory Clark, professor na Universidade de Davis, na Califórnia, publicou em 2014 o livro *The Son Also Rises (O Filho Também Triunfa)*, no qual relata uma abordagem inovadora para estudar a mobilidade social. Clark consultou registos históricos de vários países e concluiu que os mesmos apelidos sonantes persistem ao longo de séculos entre os mais ricos e escolarizados, resistindo às rupturas de sistemas políticos, económicos e sociais.

No caso de Inglaterra, e de acordo com registos de 1670 a 2012, entre os descendentes das elites é preciso recuar cerca de dez gerações para encontrar antepassados da classe média. Na Suécia – país conhecido pelo modelo social-democrata – persiste uma classe descendente da aristocracia do século XVIII, com apelidos sonantes como Leijonhufvud, Gyllenhaal, Rosenkranz e Von Essen. Essas pessoas, oito gerações depois, ainda têm três ou quatro vezes mais hipóteses de serem médicos ou advogados, possuem uma riqueza acima da média e vivem nas áreas mais caras de Estocolmo. Em Portugal, e de acordo





com um relatório de 2018 da OCDE, podem ser precisas até cinco gerações para que as crianças nascidas numa família de baixos rendimentos consigam atingir rendimentos médios.

Os membros das famílias da elite herdaram a riqueza dos seus antepassados. Mas para Clark há mais uma razão para a imobilidade social, que é ilustrada pelo caso da China. Na revolução de 1949 os membros das antigas classes altas foram mortos, deportados ou expropriados. Os seus filhos foram perseguidos e a alguns foi negado o acesso ao ensino superior. No entanto, os apelidos mostram que os descendentes das elites pré-revolução se encontram novamente entre os altos funcionários do Governo, são professores universitários e estudam nas melhores universidades.

Clark sugere que a razão para isso é que dentro das famílias há uma forte transmissão dos atributos que levam ao sucesso social. Os membros das famílias de classes elevadas aprendem como devem proceder para ter mais hipóteses de pertencer à elite. Por exemplo, um estudo recente realizado com mais de 152 mil participantes concluiu que as pessoas de classe social mais alta tendem a pensar que são mais competentes do que as de classe mais baixa. E esse excesso de confiança pode ser confundido – aos olhos dos outros – com as suas verdadeiras capacidades e competência.

Elevador avariado

O primeiro-ministro britânico Boris Johnson estudou numa escola de elite – Eton, onde também estudaram 19 outros primeiros-ministros do país –, tendo sido depois admitido na prestigiada Universidade de Oxford.

De acordo com um relatório da organização britânica The Sutton Trust, entre 2015 e 2017 as universidades de Cambridge e de Oxford admitiram mais alunos de oito escolas de elite do que do conjunto de 2900 outras escolas do Reino Unido. Por causa disso, a Universi-

dade de Oxford anunciou que até 2023 irá criar uma quota de 25% de admissões para alunos de meios desfavorecidos, com o objectivo de combater a imobilidade social.

Em Portugal, e segundo um estudo do *think-tank* Edulog da Fundação Belmiro de Azevedo, os alunos das classes mais favorecidas dominam os cursos de maior prestígio como medicina, direito e engenharias. Enfermagem tem quase três vezes mais alunos pobres do que medicina, solicitadoria tem quase o dobro dos pobres que entram em direito. Os pais das classes mais favorecidas podem investir mais tempo e dinheiro para que os seus filhos tenham sucesso escolar.

Em Portugal, e segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, os licenciados ganham em média mais 64% do que quem não tem curso superior. Estudar vale a pena, mas pode não ser o suficiente para compensar as diferenças de pontos de partida. Num artigo de 2014 os investigadores Richard Reeves e Isabel Sawhill analisaram os rendimentos de antigos alunos dos EUA e do Canadá. Aos 40 anos, os alunos oriundos de famílias pobres com um curso superior não tinham maiores rendimentos do que os alunos ricos que abandonaram a escola antes de terminar o secundário. A antiga secretária de Estado para a Educação do Reino Unido Justine Greening resumiu esta ideia em 2017 tendo como base dados do seu país: “As crianças de famílias com altos rendimentos e que mostram sinais de baixa capacidade académica aos cinco anos têm mais 35% de hipóteses de virem a ter altos rendimentos do que as crianças mais pobres que mostram sinais precoces de alta capacidade.”

A avaliação de sucesso *a posteriori* pode ser enganadora, ao confundir causa com efeito, presumindo que as pessoas que tiveram mais sucesso são as que tinham melhores qualidades.

O processo meritocrático tem reproduzido as desigualdades sociais e não garante que sejam as pessoas

mais capazes a ocupar os cargos de maior responsabilidade, uma vez que a sorte tem um papel determinante. E a diferença de recompensas é desproporcional, não traduzindo as qualidades e o esforço de cada um. Há que reconhecer o problema e procurar soluções, fazendo avançar o debate para lá do mito da meritocracia.

Bioquímico e divulgador de ciência

“As crianças de famílias com altos rendimentos e que mostram sinais de baixa capacidade académica aos cinco anos têm mais 35% de hipóteses de virem a ter altos rendimentos do que as crianças mais pobres que mostram sinais precoces de alta capacidade”

Área: 1377cm² / 48%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6556545